

A companhia francesa de teatro de objectos Turak regressa ao CCB para apresentar um espectáculo que explora os temas da insularidade e da intimidade.

INTIMAE
(pequenas obras/óperas oblíquas e insulares)
Turak /Michel Laubu



De 31 Janeiro a 3 Fevereiro no Pequeno Auditório do CCB
Dias 31, 1 e 2 às 21h00 | Dia 3 às 16h00

Porque um lugar não é simplesmente um espaço. É uma identidade.
MICHEL LAUBU, encenador

O desejo exacto de ter um "grande palco íntimo" faz parte das minhas preocupações e leva-me a averiguar a forma que este novo espectáculo deveria assumir. Os cinco actores-manipuladores irão representar um grupo de personagens que serão as grandes figuras desta mitologia invulgar, insular, feita à medida – uma espécie de mitologia de bolso, uma mitologia 'canivete-suíço'.
MICHEL LAUBU, encenador

À NOSSA INSULARIDADE

“Foi sem saber, que caímos nesta lógica insular. Um mapa do Grande Norte quebequense fez com que nos deparássemos com a existência da ilha TUKARAK, no centro das ilhas Belcher, na baía de Hudson. Desde a criação da companhia, todos os nossos espectáculos pormenorizam, imaginam e declinam os microcosmos, as entidades, os povos, as autarcias. O desejo de traçar, de inventar os contornos de uma ilha Turak tornou-se evidente. A vontade de estudar, de experimentar, de nos aproximarmos da “síndrome insular” levou-nos a construir um projecto de residências em ilhas reais e imaginárias.

Levar a cabo, construir este trabalho ao fim de vários anos (2006/2007/2008) para se começar a urdir, para se encontrar, para se implantar. Não aqui ou acolá, mas aqui e acolá. Trabalhos em residência que permitem incrustar-se, agarrar-se a esses rochedos. Aí passar tempo com os habitantes. Poder levar notícias de uma ilha para a outra.

Como esticar um fio, dessa ilha TUKARAK real ou TURAK imaginária, que passaria por Bali, Islândia, Houat e Ouessant, Japão, ilhas suecas, Martinica... e sobre este fio esticado, fazer deslizar páginas de cadernos em espiral. Não diários de viagem, de passagem. Mas registos

de estação, registos de permanência, de habitação. Certificados de residências. E levar notícias de uma ilha para a outra.

Escrever, compor pequenos espectáculos curtos em residência e fazê-los viajar de uma ilha à outra. Levar notícias e recompor um arquipélago improvável.

Sem o saber, esta abordagem dos universos insulares leva-me a uma tentativa de cartografia do íntimo. Como posso elaborar uma geometria dos espaços da intimidade? Em pé com os pés juntos num armário deitado, dialogo com uma abóbada.

Tento compreender, dizer, desenhar.

Mais que a realidade do rochedo, do pedaço de terra no meio do mar, sou tocado, comovido pelas situações humanas. A disposição dos espaços humanos, as balizas dos espaços de vida, as construções”.

Michel Laubu

INTIMAE (pequenas obras/óperas oblíquas e insulares)

“Com os Turak, propusemos sempre um teatro aberto a todos, um teatro praticável por todos, acessível a cada um utilizando os seus próprios meios, as suas ferramentas pessoais.

No início da companhia, os nossos espectáculos em miniatura permitiam-nos estabelecer uma relação quase íntima com o nosso público, proximidade só permitida devido ao seu pequeno número.

Em seguida, tentámos provar a nós mesmos que se podia fazer teatro até nos teatros. Dominámos o espaço dos grandes palcos e inventámos outras relações com os espectadores muito mais numerosos, instalados em bancadas muito maiores, dispostos frente a frente, mesmo em frente do palco.

Depois, convocados a frequentar, durante três anos, o universo das artes de rua, propusemos-nos espectáculos com mecanismos específicos, aproveitando os recursos de cada lugar. Estas criações permitiram-nos uma aproximação diferente com os espectadores.

Hoje, este desejo concreto de um "grande palco intimista" preocupa-me e leva-me a questionar a forma deste novo espectáculo. Aqui, sonho com um espectáculo despojado, lúdico e misterioso. Um teatro rudimentar num palco diante de uma bancada. Um teatro rudimentar, uma poesia que vai beber às fontes do teatro de objectos.

Para a concretização desta poesia concertada, dispomos de uma equipa de dez pessoas, actores-manipuladores, músicos, directores de cena e técnicos.

A música será tocada ao vivo por dois músicos (clarinete, clarinete baixo e violino alto). Será construída, arranjada e interpretada a partir de instrumentos de música e de máquinas. Objectos do quotidiano e guitarras eléctricas servirão de sinalização sonora e visual.

O cenário será definido por uma sucessão de velhos armários e um canapé conversível. O conjunto estará decorado com objectos do quotidiano, transformados e adaptados.

Os três actores-manipuladores porão em movimento um magote de personagens que serão as grandes figuras desta mitologia ambígua e insular, inventada à medida, uma mitologia de bolso, tal como um canivete suíço.

E haverá marionetas...

Confirmar este prazer de utilizar objectos imperceptíveis na vida quotidiana, aqueles objectos que cada um reconhece porque existe praticamente o mesmo lá em casa, na casa do vizinho, na casa de algum familiar... Onde já estão há muito tempo...

As marionetas convidadas para esta aventura serão em menor número, para que cada uma possa beneficiar de mais lugar, de mais espaço poético para se expressar”.

Michel Laubu

MANUAL DO PEQUENO ARQUEÓLOGO

Recolho. Escolho e recolho. Como bom arqueólogo que sou, colecto e recolho.

Deixo os objectos tomarem o seu lugar. Recolho de tudo. Selecciono.

Deixo espalhado. Coloco aqui e acolá...

Aproximo. Observo. Recolho. Associo. Arranjo. Fixo. Não arrumo. Não arrumo nunca. Recolho e empilho.

Faço movimentar em frente a um espelho, marco, vou procurar ao outro extremo do atelier, ao outro extremo da minha memória sobre uma estante, esse pequeno extremo de... recolho. Amarro, dou um nó, passo a minha mão na manga. Amontoo, observo. Uma silhueta liberta-se. Um movimento.

Desenho. Recolho, mas também deito fora (um pouco).

Ponho música que recolhi. Vários meses se escoaram. Há em toda a parte, e no entanto recolho ainda sem saber por que o fazer.

E vejo no espelho uma personagem, uma pequena figura. Uma mão surge na extremidade da manga, ele tem medo dela. É a minha, ele não sabe, ele tem medo. Ele descobre finalmente que é a sua mão. Ele tranquiliza-se. Mas essa mão agarra um martelo que está sobre a mesa. Ele teme o pior, treme. A mão ameaça-o com o martelo: estou sozinho em frente a esse espelho colocado em equilíbrio no atelier, e sou espectador disso.

A música pára. Coloco tudo a monte. A arqueologia avança.



Preços:

Noite: 12,50€ | Tarde: 10€

Autor, encenador e cenógrafo: Michel LAUBU

Cumplicidade: Emili HUFNAGEL

Com: Laurent BASTIDE, Carlo BONDI, Patrick MURYS, Emmeline BEAUSSIER

Produção: Turak Théâtre – **Residência de criação e co-produção :** Les Subsistances–Lyon

Co-produção: TNT–Théâtre National de Toulouse Midi-Pyrénées, Château-Rouge–Annemasse, les Scènes du Jura, Agora–scène nationale d'Evry e de Essonne.